

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**LUIZ EDUARDO LOURENÇO RIBEIRO**

**NEGRO OU PRETO? UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE OS SINAIS RACIAIS  
NA LIBRAS**

**PORTO ALEGRE  
2024**

Luiz Eduardo Lourenço Ribeiro

NEGRO OU PRETO? UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE OS SINAIS RACIAIS  
NA LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Bacharelado em Letras com ênfase em  
Tradução e Interpretação de  
Português/Libras do Instituto de Letras, da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito parcial para a obtenção  
do Título de Bacharel em Letras

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lia Schulz

Porto Alegre  
2024

Luiz Eduardo Lourenço Ribeiro

NEGRO OU PRETO? UMA ANÁLISE BAKHTINIANA SOBRE OS SINAIS RACIAIS  
NA LIBRAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Letras com ênfase em Tradução e Interpretação de Português/Libras do Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Letras

Orientadora: Profª Drª Lia Schulz

Porto Alegre,

BANCA EXAMINADORA:

---

Profª Drª Lia Schulz – Orientadora  
UFRGS

---

Profª Drª Juliana de Oliveira Pokorski  
UFRGS

---

Profª Drª Carolina Hessel Silveira  
UFRGS

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que lutam contra o racismo em suas variadas formas na sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha família, pois se não fosse por eles eu não estaria finalizando minha graduação. Ao meu pai e minha mãe, Luiz de Souza Ribeiro e Neuza Jassira Lourenço Ribeiro, agradeço eternamente por me guiarem, me motivando e lapidando para ser sempre uma versão melhor e mais confiante de mim mesmo. Ao meu irmão José Luiz, agradeço por me motivar a seguir e por me guiar quando eu não tinha mais vontade de continuar. Por ser o primeiro graduado da família, acredito que tu sabes como foi pesado, mas nós conseguimos. À minha irmã Maria Eduarda, agradeço por me sacudir e me trazer para a realidade. Nos momentos de ansiedade, quando eu precisava de afago, tu estavas, e ainda está, lá! Ao meu irmão mais velho, Taylor Israel, também agradeço pelo apoio nesses anos.

Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Lia Schulz, que me mostrou quais caminhos eu deveria trilhar na minha pesquisa e se dispôs a compartilhar seus conhecimentos comigo. Desde o primeiro semestre, sempre me mostrou o lado positivo da Universidade e me fez, e ainda faz, aproveitar cada momento, com um olhar esperançoso para o futuro.

À minha quase orientadora de TCC, Alessandra Vieira, de quem eu tive o prazer de ser orientando na Iniciação Científica. Muito obrigado, Profe.

Agradeço eternamente a Maria P. Bergamaschi e Lodenir Karnopp, por me orientarem em um projeto lindíssimo na Faculdade de Educação da UFRGS. Eu sou imensamente agradecido por ter criado, em conjunto, uma pesquisa importantíssima sobre pessoas surdas e pessoas negras no PPGEDU.

Aos amigos que fiz na Letras e na Libras e que vou levar para a vida, muito obrigado por tudo, vocês fizeram minha vida mais leve de viver. Aos mais próximos, eu agradeço em cada encontro por ter conhecido vocês, minhas amigas maravilhosas. A gente se vê em algum encontro com muita comida e bebida.

Também não poderia deixar de agradecer aos membros da banca, que tive o prazer de conhecer na Faculdade de Educação, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Pokorski e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Hessel Silveira. Confio em vocês para analisarem minha pesquisa, sabendo da sensibilidade e profissionalismo que vocês possuem.

Agradeço a todos que passaram por minha vida e, de forma direta ou indireta, contribuíram para o caminho trilhado e concretizado. Meus sinceros agradecimentos!

Muito obrigado.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca analisar, compreender e debater de que formas o racismo que está na estrutura se organiza na língua, em específico na Libras. É de conhecimento popular que existe o preconceito contra minorias raciais, em grande parte contra pessoas negras, e, nesta pesquisa, me centro na língua e em como são revelados esses Enunciados que poderiam ser relacionados ao racismo na Libras. Para tanto, faço uma linha de pensamento levando em consideração conceitos como Racismo Estrutural, Racismo Linguístico e Aquilombamento, que é um movimento de reação e resistência de pessoas negras contra o racismo que as sufoca de várias formas, em específico, nessa pesquisa, na língua. Desse modo, para verificar de que formas o racismo se relaciona com alguns sinais na Libras, foi feita uma pesquisa em redes sociais, como YouTube e Instagram, para encontrar relatos de negros surdos que falassem sobre o sinal de negro em contexto racial. A análise de cunho bakhtiniano parte do método sociológico como ponto metodológico principal, trazendo os contextos sociais do sujeito em conjunto para a análise. Concluo entendendo que o debate sobre o sinal de negro é presente e que o descontentamento com um dos sinais usados no Rio Grande do Sul pode ter cunho racista, nos mostrando que há um outro sinal, com base em características negras como a trança bantu, que é uma opção que revela protagonismo dos negros surdos em sua referência. De igual modo, a história sobre o sinal de preto também é estimulada para a compreensão do debate sobre o uso de sinais parecidos, frisando a urgência de mais estudos que relacionem raça com a Libras. Ainda tratando de raça e linguagem, nossos dados indicam que o sinal de negro está mudando graças ao movimento da comunidade negra surda e a conscientização que a população em geral possui sobre o racismo.

**Palavras-chave:** Libras. Racismo. Racismo linguístico. Sinal. Negro. Bakhtin.

## ABSTRACT

This Final Paper seeks to analyze, understand and debate the ways in which the racism that is in the structure is organized in language, specifically in Libras. It is popular knowledge that there is prejudice against racial minorities, largely against black people, and in this research I focus on language and how these utterances that could be related to racism are revealed in Libras. To this end, a line of thought is made taking into account concepts such as Structural Racism, Linguistic Racism and Aquilombamento, which is a movement of reaction and resistance by black people against racism that suffocates in various ways, specifically in this research in language. So, in order to see how racism relates to some signs in Libras, a search was made on social networks such as YouTube and Instagram to find reports of black deaf people talking about the sign negro in a racial context. The Bakhtinian analysis is based on the sociological method as its main methodological point, bringing the social contexts of the subject together for analysis. We conclude by understanding that the debate about the black sign is present and that the discontent with a sign used in Rio Grande do Sul may be racist, showing us that there is another sign, based on black characteristics such as the Bantu braid, is an option that reveals the protagonism of deaf blacks in their referencing. Likewise, the story about the black sign is also stimulated in order to understand the debate about the use of similar signs, highlighting the urgency of more studies relating race to Libras. Still on the subject of race and language, our data indicates that the black sign is changing thanks to the movement of the black deaf community and the general population's awareness of racism.

**Keywords:** Libras. Racism. Linguistic racism. Sign. Black. Bakhtin.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA</b>	<b>11</b>
2.1	A LINGUAGEM E OUTROS CONCEITOS DO PONTO DE VISTA BAKHTINIANO	11
<b>3</b>	<b>PROTAGONISMO DESCOLONIZADOR</b>	<b>13</b>
3.1	RAÇA E PORTUGUÊS BRASILEIRO	16
3.2	RAÇA E LIBRAS	17
3.3	AQUILOMBANDO O SUJEITO	20
<b>4</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA</b>	<b>22</b>
4.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E ESCOLHA DO CORPUS DE ANÁLISE	22
4.2	METODOLOGIA: O MÉTODO SOCIOLÓGICO RELACIONADO AOS CONCEITOS BAKHTINIANOS	24
<b>5</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>27</b>
5.1	VÍDEO 1	27
5.2	VÍDEO 2	30
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>



## 1 INTRODUÇÃO

“Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.”

(Mikhail Bakhtin)

Enquanto autodidata, para mim, a língua sempre foi um objeto de interesse e de compreensão do mundo por outros olhares. A língua nos fascina pelas infinitas possibilidades de expressão no mundo e as milhares de ligações que podemos criar entre elas. Entretanto, também é na língua e na linguagem que as interações podem nos mostrar interesses não tão positivos.

Desde a invasão dos, em específico, portugueses e espanhóis nas Américas, tivemos milhares de embates linguísticos, com aqueles que lutavam pelos interesses dos invasores de um lado e a resistência dos milhões de povos indígenas que habitavam nessas terras de outro. No decorrer dessa história, tivemos leis<sup>1</sup> que proibiram línguas de serem faladas e expressadas, fazendo assim com que comunidades inteiras sumissem ou se transformassem no que o invasor desejava. Na escravidão, sujeitos africanos de origens diferentes eram misturados para não se comunicarem entre si com o propósito de os controlar, mas isso não foi possível graças à resistência que lhes era natural. Sujeitos surdos tiveram suas mãos amarradas ou espalmadas com o objetivo de os tornarem falantes e quase ouvintes, porém eles também resistiram e, hoje, as línguas de sinais são um dos maiores exemplos de resistência linguística que temos.

A língua sempre foi algo maior do que as regras gramaticais e as leis que as usam como forma de controle.

A presente pesquisa é motivada por questionamentos que tive enquanto graduando, em específico sobre a conexão entre raça e língua. Partindo de uma perspectiva em que a linguagem é interação, me pergunto quais as conexões que estão sendo feitas e mantidas para que a estrutura se mantenha racista, tal como Silva (2020) afirma. No decorrer da minha vida acadêmica, tive contato com variados materiais sobre raça que ligavam a vivência do sujeito negro às áreas acadêmicas de antropologia, educação e língua. Igualmente, enquanto estudante de Libras, foi

---

<sup>1</sup> A Lei do Diretório de 3 de maio de 1757 determinou obrigatório o uso da “Língua do Príncipe” (língua portuguesa) no Brasil (até então colônia).

perceptível a abundância de materiais sobre identidade surda e questões que conectassem a surdez com a cultura, língua, educação e outras áreas. Ainda assim, materiais que relacionassem a Libras à raça são escassos. Então, criar um documento que contenha sinais de negro na Libras e que fale de negros surdos é de extrema importância para as áreas tanto de linguística, das línguas de sinais, quanto dos estudos surdos, já que são poucos os materiais que protagonizam negros surdos com a língua.

Para ser mais exato, essa pesquisa tem como principal pergunta “por que alguns negros surdos questionam o sinal de negro ou preto na Libras?”

Foi feita uma pesquisa com o intuito de encontrar materiais em contexto acadêmico que discutissem o sinal de negro ou de preto na Libras sob uma visão linguística. Para tanto, usei a plataforma Google Academics e a biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico SciELO. Foram encontrados dois materiais, uma dissertação de mestrado e um artigo apresentado em evento.

Então, para o material de análise deste trabalho, foram utilizados materiais, vídeos, encontrados no Youtube e Instagram, uma vez que artigos e outras produções acadêmicas não foram suficientes para a análise, pois não encaixam com o propósito desta pesquisa de analisar uma possível intersecção entre raça e língua. Como metodologia, foi usado o método sociológico, proposto pelo Círculo de Bakhtin, ou por Volochinov (2017).

No segundo capítulo, para contextualização, tenho o intuito de deixar entendido que o referencial teórico deste trabalho é bakhtiniano, e é feita uma breve linha de pensamento sobre os conceitos que cercam este trabalho, como linguagem, gênero discursivos, relações dialógicas e signo ideológico.

No terceiro capítulo, tenho como principal objetivo mostrar o racismo nas línguas, de forma socio-histórica-cultural, as repressões e as intersecções do racismo na língua. A importância do início dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais e a Libras com Quadros e Karnopp (2007), a importância do protagonismo indígena surdo com Vilhalva (2019) e os contextos racistas que cercam a origem da palavra negro em português brasileiro, além da importância do protagonismo das pessoas negras e pessoas surdas nos estudos e pesquisas sobre suas experiências de vida. Logo após, é apresentada a interseccionalidade entre raça e língua e como ela é aprofundada por Vilhalva (2009) e seus estudos indígenas surdos, onde apresento alguns relatos pessoais, ambos sob uma visão mais bakhtiniana. Finalizando, apresento a

importância do Aquilombamento para o protagonismo negro surdo e seus movimentos de formação e organização para um determinado fim antirracista, partindo de Beatriz Nascimento (1974).

No quarto capítulo, trago uma revisão de literatura sobre o tema a partir de uma pesquisa bibliográfica e da escolha do corpus de análise, apontando os materiais encontrados, os que são interessantes para a pesquisa e os que, mesmo que estejam fora da pesquisa, são necessários para o enriquecimento do trabalho. Após, no capítulo seguinte, é apresentado o método sociológico relacionado aos conceitos de Bakhtin, embasando a análise que é feita por meio de tabelas que indicam os sinais dentro de um contexto para entendermos os enunciados, o signo negro e as relações dialógicas que afetam o sinal de negro na Libras.

Por fim, no último capítulo, trago a conclusão feita sob o viés do método sociológico, apresentando a jornada da pesquisa, promovendo um debate que envolva questões raciais na Libras e na Linguagem e, logo após, proponho novos nós para serem desamarrados.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA

Este trabalho de monografia tem como base linguística principal os pensamentos do filósofo linguista russo Mikail Bakhtin, principalmente os conceitos de signo ideológico, enunciado e dialogismo, que circundam essa teoria. Como uma pesquisa parte de um trabalho de conclusão de curso, pretendo delimitar as teorias para um entendimento conciso entre a teoria bakhtiniana e a teorias que circundam o racismo linguístico. Ainda assim, é improvável que seja feita a delimitação de teorias bakhtinianas, uma vez que não temos esses pensamentos fixados, do contrário seria um tanto antibakhtiniano.

### 2.1 A LINGUAGEM E OUTROS CONCEITOS DO PONTO DE VISTA BAKHTINIANO

Para o círculo de Bakhtin, entende-se linguagem como a interação verbal, ou discursiva, pelas palavras escritas, faladas ou sinalizadas. A linguagem acontece na interação desses fenômenos e, sendo social, inclui questionamentos como: quem são os interlocutores e qual seu contexto de uso. Devemos, então, entender a linguagem no seu uso social.

Essa interação verbal é expressa enunciando na realidade. O enunciado é a expressão de forma diversa na linguagem, podendo ser um sinal, uma palavra, uma frase ou uma obra literária, desde que, pelo enunciado, consiga-se perceber a posição do autor. “Cada enunciado em particular é individual, mas cada campo de emprego da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de comunicação, isto é, seus gêneros discursivos.” (Bakhtin, 2019, p. 159)

É enunciando que o sujeito se orienta na realidade e constitui seu posicionamento por “tipos relativamente estáveis”, realizado pelos gêneros discursivos, um fenômeno que faz parte das interações sociais. Toda vez que falamos, escrevemos ou sinalizamos, estamos realizando algum gênero do discurso. São formas relativamente estáveis de enunciados que organizam todo o tipo de interação humana.

Os gêneros discursivos são constituídos de relações dialógicas, relações de interação entre os diálogos criados entre os interlocutores. Esse dialogismo interage com relações do passado que o permeiam e significam, e ainda se conecta com

relações dialógicas no futuro, criando em si o dialogismo, as interações das relações dialógicas.

Essas relações dialógicas acontecem, também, por meio de signos (verbais ou não verbais) carregados de ideologias, ideias, sobre esses signos que refletem e refratam os fenômenos sociais. “Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo.” (Volochinov, 2017, p. 91) O signo ideológico é o produto do reflexo e da refração dos fenômenos de ideologia. A reflexão e refração são manifestações que tanto refletem (atingem o sujeito e ele expressa) quanto refratam (atingem o sujeito e ele absorve). O signo irá refletir e refratar na realidade do sujeito.

Neste trabalho, analiso o racismo na língua, na interação verbal, realizado e fixado em nossa sociedade por meio de diversos enunciados que construíram relações dialógicas racistas ao longo do tempo. Essas relações dialógicas imbuídas dos reflexos racistas criaram signos que refletiam o pensamento sócio-histórico preconceituoso do começo da formação da nossa civilização brasileira até os dias de hoje, criando relações dialógicas com os signos existentes hoje que: “transformam-se na arena de luta de classes.” (Volochinov, 2017, p. 113), onde criam-se tensões nesses signos que, atualmente, refletem e refratam a resistência de seus sujeitos atingidos pelo racismo.

### 3 PROTAGONISMO DESCOLONIZADOR

Para ter o português de Portugal como língua única do Brasil, foi instaurada uma política de monolingüismo que pretendia erradicar a língua geral, nheengatu, e estabelecer o português como língua de uso de todas as camadas da, até então, colônia de Portugal. Marquês de Pombal, em 3 de maio de 1737, determina obrigatório o uso do português, na época chamado de língua do príncipe. Esse movimento impositor também aconteceu com a comunidade surda em setembro de 1880, no Congresso de Milão, onde vários educadores de surdos, imbuídos de ideias clínicas e não linguístico-culturais sobre surdez, entraram em acordo sobre como as pessoas surdas e suas comunidades deveriam viver e, principalmente, se comunicar. Erradicar as línguas de sinais, a comunidade surda e suas expressões, tendo como base um pensamento clínico e excludente que valorizasse somente a oralização, ou uma produção mais próxima do padrão ouvinte de se viver, foi o propósito deste congresso.

Desde então, a comunidade surda resistiu e teve muitos avanços. Um deles foi o crescimento nos estudos linguísticos das línguas de sinais em vários países, tendo Stokoe (1976) demonstrado em sua corrente estruturalista que a ASL (língua de sinais americana), além de outras línguas de sinais, é uma língua natural.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (Quadros e Karnopp, 2004, p. 30)

Aqui no Brasil, tivemos um grande impacto após a publicação do livro “Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos” de Karnopp e Quadros (2004)<sup>2</sup>, que trouxe para a academia a cientificidade linguística da Libras embasada nos estudos de Stokoe e Saussure. A partir desse momento, pode-se afirmar que a pesquisa em língua de sinais no Brasil aumentou positivamente no decorrer dos anos. Estudos sobre a cultura surda, educação bilíngue, tradução e interpretação e os estudos linguísticos tiveram um grande crescimento para o desenvolvimento científico da área da Libras.

---

<sup>2</sup> É importante apontar que um dos primeiros trabalhos publicados foi de Lucinda Ferreira Brito, intitulado "Por uma gramática de línguas de sinais (1995)".

Ainda assim, temos um grande campo a desbravar para o futuro, pois a linguística não pertence somente a uma corrente de pensamento e o desenvolvimento dos estudos da Libras leva a uma diversidade de linhas científicas que, por consequência, trazem uma possibilidade de intersecção de outras áreas com os estudos de línguas de sinais. Por causa dessas possibilidades e das intersecções sociais que a pesquisa proporciona, os estudos linguísticos de grupos minoritários crescem cada vez mais, a exemplo de Shirley Vilhalva, que é pesquisadora na área das línguas de sinais indígenas do Brasil desde 2009.

Esse olhar de interseccionalidade de outras áreas do conhecimento com a língua (um objeto de pesquisa de diferentes áreas) iniciou minha inquietude que originou esta pesquisa, pois acredito que, como na linha bakhtiniana, conseguimos ver de forma ampla como nosso social é vivido na língua de várias formas. Na minha jornada acadêmica, tive momentos de questionamento e de resolução que me levaram ao início dessa pesquisa. Por que evitamos usar a palavra negro no nosso vocabulário? Por que criam estratégias como a utilização de “moreno”, “moreninho” ou muitas outras expressões para não dizer a palavra negro? Mesmo que para alguns desavisados ou pessoas de mau coração possa soar como ofensa, ainda temos palavras como “neguinho(a)”, “negrinho(a)”, e expressões como “fazer negrice”, que são muito mais diretas em seu sentido depreciativo, porém, nós, que estamos inseridos nos estudos étnico-raciais, sabemos que isso está em direta conexão com o racismo que está enraizado em nossa sociedade desde a época da escravidão.

No decorrer do curso, notei que era preciso pesquisar sobre meu grupo e sobre as relações que temos com os nossos arredores. Se acreditamos que a sociedade usou do racismo para formá-la (Almeida, 2019), então posso aferir que as marcas do racismo existem na língua (Nascimento, 2019). Com isso, diferentemente de alguns movimentos em redes sociais que limitam o uso de determinados termos, não proponho a proibição de palavras ou expressões como “denegrir”, “criado mudo” ou “buraco negro”, nem afirmo que suas origens sejam racistas e a raiz do problema. Afirmo que surge de uma problematização que, infelizmente, e por consequência da ignorância oriunda da problematização vazia, não nos faz refletir sobre o racismo na língua.

Compreendendo que provas mais concretas são necessárias para essas afirmações e, para fins de uma pesquisa com bases mais sólidas, uso os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, © 2024), que pesquisa a cor ou

raça da população brasileira com base na autodeclaração e nas características fenotípicas. Quando a população é questionada, a pessoa se declara como preta, parda, branca, amarela ou indígena, ou seja, a identificação se dá por uma das características externas do indivíduo, a cor.

Socialmente, principalmente nos estudos raciais, considera-se negros e pardos como grupos distintos em suas relações étnico-raciais. Os limites dessas classificações também são debatidos, uma vez que pardos abrangem pessoas não negras, como indígenas mestiços, além de pessoas mestiças da raça negra. Essa discussão levaria a uma pesquisa distinta só para tratarmos das classificações, ou melhor, de quem classificou as raças no Brasil. O que faz questionar ainda mais sobre a base das classificações raciais brasileiras, lembrando que nossa sociedade foi formada em sua base pelo racismo e suas divisões raciais.

Dito isso, o IBGE leva em consideração as cores como identificação racial, causando muitos debates sobre o que é ser pardo no Brasil e o limiar e divisão de pessoas mais claras e mais escuras em seus grupos raciais, abrangendo o colorismo para fora da comunidade negra. Portanto, tendo o IBGE usado as cores como classificação, me pergunto de onde usamos a palavra negro, ou qual a relação com a cor, para nos referirmos a pessoas de origem africana ou pessoas de pele mais escura. Seria “negro” um grupo que acopla os pretos e pardos e nos dá uma classificação geral do negro brasileiro ou existe uma separação entre os grupos? De acordo com Rocha:

Em princípio, o termo “preto” surgido por volta do século X designava pessoas de pele escura originárias da África. Entretanto, com a escravidão no século XV a palavra “negro” passa a ser adotada pelos portugueses. A associação do termo “negro” à escravos foi utilizado pelos espanhóis na América. Daí o sentido do termo receber uma conotação ofensiva nos que marcou séculos de história. Ficou no ar certa confusão entre preto e negro, que passaram a significar a mesma coisa, ou seja, pessoas de pele escura. Como a escravidão ficou como realidade que marcou negativamente a história da humanidade, o termo passou a ser empregado como sinônimo de coisas ruins. Coisa preta ou coisa negra é sinônima de coisa que não presta. (Rocha, 2010, p. 901)

Acreditamos que a língua e o indivíduo andam juntos e, na corrente bakhtiniana, a língua muda o sujeito e o sujeito muda a língua em um processo dialógico que reflete e refrata, também, as questões sociais na língua. Se podemos inferir que o racismo está na estrutura da nossa sociedade e, inclusive, na língua, então podemos encontrar os resquícios desse fenômeno no português brasileiro. E



na Libras? Já que, segundo o artigo de Rocha (2010), negro veio de uma influência espanhola ao português brasileiro, me pergunto se ocorre o mesmo fenômeno de influência na Libras, uma vez que muitos sinais foram e são influenciados por características da escrita.

### 3.1 RAÇA E PORTUGUÊS BRASILEIRO

Refletindo que mudamos a língua e somos mudados por ela, podemos compreender as influências do povo negro no português brasileiro. Obviamente, muitas outras línguas influenciaram nossa formação linguística, porém não me refiro a palavras ou expressões, mas sim à produção.

Lembro que, em 2016, fui bombardeado com a expressão “apropriação cultural” e como era revolucionário usar minhas tranças e *twists*. Mesmo que, até hoje, muitas pessoas não entendam, ou não queiram aceitar, esse fato, a comunidade negra produziu um movimento de compreensão sobre sua cultura, externalizado em um tipo específico de tranças nos cabelos, produzindo uma estética negra.

Logo após, discutimos “Lugar de Fala”, de Djamila Ribeiro, consolidando nossos lugares de opinião e fomentando críticas à nossa posição perante as classificações nos discursos e postagens pela internet. Produzimos um movimento de resistência que nos revelou um lugar, uma posição, e, mesmo que tenha minhas ressalvas quanto ao ideal liberal e um tanto quanto identitário, destacar a produção desse movimento com as outras produções da Coleção Feminismos Plurais<sup>3</sup> é importante para entendermos o todo.

Mais atualmente, vemos a necessidade de entendermos o protagonismo negro nos estudos da negritude, o que vem de anos de pesquisa sobre nossa cultura, nossa comunidade e como isso afeta a nossa língua. Igualmente, é importante notar o destaque aos estudos da branquitude por Lia Vainer Schucman (2012)<sup>4</sup> e Lourenço Cardoso (2017)<sup>5</sup> e, mais atualmente, do pardismo, de uma posição de pessoas declaradamente pardas. Acredito que essas pesquisas são o resultado de anos de produção de autores negros para identificarmos especificidades de nossas experiências étnicas dentro de nossa sociedade. A produção de materiais sobre nossa

---

<sup>3</sup> A intenção da coleção Feminismos Plurais é trazer para o grande público questões importantes referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível.

<sup>4</sup> “Entre o ‘encardido’, o ‘branco’ e o ‘branquíssimo’: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana”.

<sup>5</sup> “Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil”.

própria vivência é o que embasa tantos movimentos sociais que visam um entendimento maior sobre nossas experiências diante da imensa e diversa experiência racial no Brasil.

A produção de nós por nós, onde quer que o sujeito esteja, é a base para a mudança de um lugar que nos foi imposto. Seja do negro falando do negro, do pardo falando do pardo ou do surdo falando do surdo, é o sujeito que se coloca no protagonismo e não mais um mediador, um antropólogo observador das ações externas, sem entendimento da vivência do sujeito.

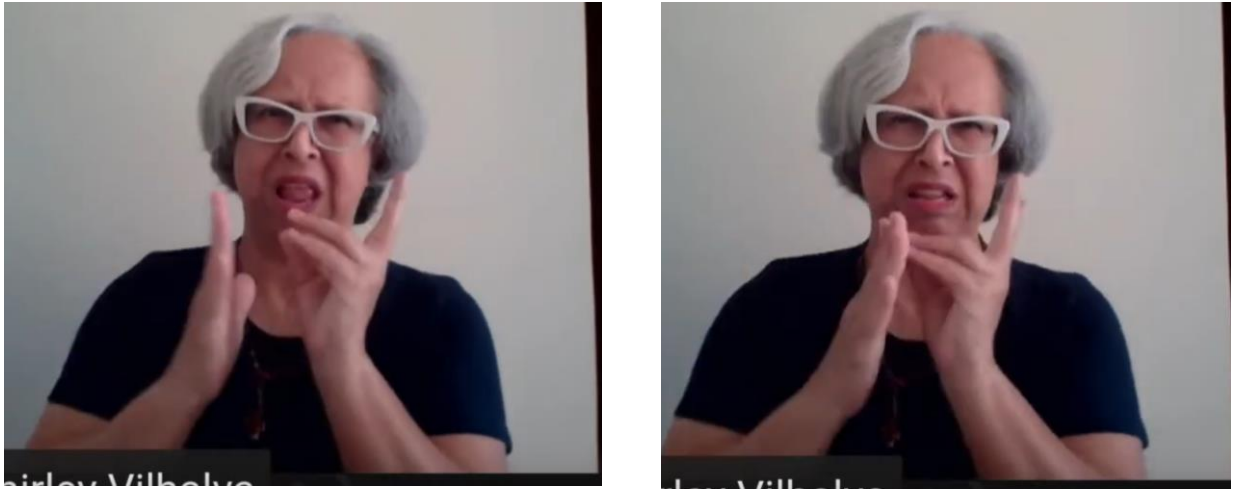
Dito isso, um outro movimento de produção enunciativa me salta aos olhos: o debate sobre o uso da palavra “negro” para “preto”, ou o debate sobre as várias formas de sabermos o significado filosófico dessas palavras. Atualmente, lembro que debatíamos sobre o uso da palavra “preto” ser mais positivo, dentro da concepção militante, no português brasileiro. Confesso que eu, enquanto homem negro mestiço de pele clara, me sentia incomodado, não pertencente com o sentido da palavra.

Mas nunca foi sobre o significado do dicionário, mas sim sobre como a comunidade queria ressignificar o sentido da palavra. Hoje, eu acredito que o uso se destaca em significados diferentes. Negro é a raça, que foi inventada, que foi originada por outros, é a classificação geral. Preto é sobre nós mesmos, não a cor, mas o pertencimento, a vivência resistente contra o racismo, o empoderamento de ressignificar uma palavra, um sujeito pertencente ao movimento.

### 3.2 RAÇA E LIBRAS

A intersecção entre raça e língua é algo que ocorre também na Libras e na comunidade surda, em especial, nessa pesquisa, na comunidade negra e surda. Atualmente, por meio das redes sociais, vemos que a comunidade negra surda tem analisado o uso do sinal de negro na Libras e se esse sinal tem relação com o racismo, seja de forma histórico-morfológica ou de forma cultural-antropológica pela influência do português brasileiro na Libras. Este movimento está ocorrendo em várias esferas e grupos, inclusive, elucidado aqui que a comunidade surda possui dois sinais que me chamam a atenção: o de negro e o de indígena.

Figura 1 – Sinal de indígena antigo



Fonte: minuto 10:09 do vídeo do YouTube “Dialog(ando) com a Biblioteca! #8 (Shirley Vilhalva)”, 2021.

O atual sinal de indígena foi apresentado por Shirley Vilhalva que, após anos de pesquisa, debate e fomento para as comunidades indígenas surdas, nos apresenta um novo equivalente sinal/palavra para identificarmos pessoas indígenas.

Figura 2 – Sinal de indígena atual



Fonte: perfil “linguasindigenasdesinais” do Instagram.

Lembro que, em uma aula inaugural na Faculdade de Educação da UFGRS, em 2018, a professora e pesquisadora Shirley Vilhalva abordou o tema “Educação e Diferenças: Territórios de culturas”<sup>6</sup> e, em uma das várias marcações que abordou, o sinal de indígena foi o mais evidente pra minha visão acadêmica. Tínhamos um sinal que não era baseado nos povos indígenas brasileiros e ela apontou que, em suas pesquisas, poderia existir um sinal que representasse um equivalente para indígena

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=IUFiY6ecHEQ>

ou nativo, o ser próprio daquela terra. Lembro que foi enfatizado que, assim como no português brasileiro, cada povo tem seu nome e não poderíamos generalizar todos os povos com a única palavra “indígena”. Devemos conhecer esses povos e chamá-los pelo seu nome, como Guarani, Kaygang, Pataxó etc. No momento das perguntas, uma pesquisadora questionou qual seria o sinal de indígena se não podemos usar um único sinal. Em sua resposta, Vilhalva enfatizou o sinal criado e sua reflexão sobre ser equivocado chamarmos todos de indígenas, afinal, temos diferentes povos nativos no Brasil e deveríamos saber o nome dessas comunidades.

Essa intersecção entre antropologia e língua é algo que pretendo aprofundar em trabalhos futuros. Para este trabalho, quero elucidar o protagonismo dos grupos em suas próprias produções sobre suas próprias experiências. Um indígena falar sobre ele mesmo e criar as representações de suas narrativas é um exemplo de protagonismo inspirador.

O sinal de negro na Libras tem uma trajetória parecida. Conforme as pessoas negras surdas adentraram as universidades e foram inseridas nos debates sobre raça/etnia, surgiram possibilidades para sinais de identificação deles para eles. O interessante é que o protagonismo das pessoas negras surdas vai além do protagonismo em si: os sinais foram feitos por pessoas que refletem e refratam o conceito de raça enquanto conceito já criado de forma desconhecida, ou seja, por alguém que não sabemos a raça/etnia e se é ou não uma pessoa surda. A questão, então, é o protagonismo deles mesmos com ações que refletem e refratam eles mesmos na língua. Quando escolho uma palavra para me designar, estou fazendo algo além do protagonismo, estou criando e afirmando a minha existência no grupo e no mundo. Eu sei o que eu passo, eu reflito e refrato as minhas experiências que são influenciadas, refletem e refratam no mundo. Eu produzo um sinal que reflete as minhas experiências.

Ambos possuem a característica do protagonismo como motivação principal. Afirmo que não é somente um protagonismo surdo, uma vez que é adicionada uma característica para além da surdez no centro de suas razões para a mudança: a etnia ou raça.

A criação de sinais novos, signos novos, é pela necessidade do protagonismo do indivíduo na língua. Indígenas e negros surdos não se viam representados nos espaços de decisão linguística, universidades em sua grande maioria, e, entendendo as redes sociais como espaço livre de troca de conhecimento, começaram a se

organizar para o debate dos enunciados de si mesmos, levando para a universidade o protagonismo de possibilidades de sinais novos.

Por isso a importância desse trabalho, de fomentar, a partir de uma pessoa acadêmica negra, os usos de palavras de sua comunidade para o público geral. Mesmo sendo ouvinte, acredito que, atualmente, é melhor o fomento saudável e respeitoso em relação a todas as pessoas surdas que me propiciaram iniciar essa pesquisa. Tenho compreensão dos privilégios ouvintes que cercam minha posição, além da urgência de criarmos materiais, diversos, sobre pessoas negras na academia.

### 3.3 AQUILOMBANDO O SUJEITO

O movimento de fazer por si próprio algo em prol de sua comunidade, usar de suas habilidades para movimentação e debate de algo importante e criar enunciados a partir de suas vivências é algo que vejo no que chamo de “aquilombamento surdo”. Quando negros surdos escolhem um sinal para se nomearem, estão aquilombando. Aqui, considero como uma organização que pode se dar de forma material, como em reuniões, na formação de um espaço específico ou no sinal em si e, também, acredito que possamos aquilombar de formas filosóficas. Neste capítulo, apresento um movimento que embasa minha pesquisa e acredito que, em grande parte, é a base do debate sobre o sinal de negro na Libras: o Aquilombamento.

Aquilombamento, segundo Beatriz Nascimento, coloca em protagonismo o movimento das pessoas negras de unirem-se para um propósito de organização e desenvolvimento.

O branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista da raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo, ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam novas teorias mistificadoras, distanciadas desta mesma realidade. (Nascimento, 1974a, p. 95)

Esta parte do trabalho tem o propósito de elucidar que o sujeito negro teve e, infelizmente, ainda tem, sua vivência moldada a partir de visões não negras e que, por muito tempo, foi colocado em um lugar da sociedade que era estereotipado, invalidado, não ouvido e não visto.

Entender a existência histórica das pessoas negras no Brasil somente como escravizadas é, no mínimo, anacrônico, já que o negro existiu em outras condições sociais, legais e não legais no período do escravismo colonial. A partir de Nascimento (1974a, 1974b) podemos entender que esta visão é um

produto ideológico do racismo de nosso presente que reflete nos estudos sobre o negro de forma geral. (Reis, 2019)

(...) o preto diante da História do Brasil se sente o eterno escravo, o eternamente vencido, incapaz de reagir diante da situação que foi colocado aqui no Brasil. Mas isso é uma deformação total que a historiografia procura trazer e que já não corresponde mais a situação de classe baixa que o negro brasileiro geralmente está, de falta de instrução, de falta de condições econômicas, mas que está basicamente estruturado dentro de um arcabouço ideológico de grandes implicações. (Nascimento, 1977, p. 128)

Entendendo a posição do indivíduo negro na construção da sociedade brasileira segundo Nascimento e Reis, observamos o protagonismo do lugar do sujeito negro na sua própria história enquanto indivíduo ativo, dotado de conhecimento e cultura. Desde as revoluções negras, tivemos Palmares como um dos grandes símbolos de revolução e organização social. O grande quilombo, que chegou a ter mais de 20 mil pessoas, foi e é um símbolo de construção negra brasileira e indígena contra os invasores brancos e seus pensamentos e movimentos impositores. O paralelo pode ser traçado com cada movimento de produção negra contra a imposição de ideias racistas. Na cultura surda, temos o ouvintismo (Skliar, 1998) ou audismo (Martins, 2013) como preconceito contra pessoas surdas e a surdez como identidade em conflito com a estrutura social ouvinte, afinal, todos sofrem de um preconceito, porém, isso não evita que surdos sofram racismo, machismo, xenofobia, LGBTfobia etc.

Entendendo o aquilombamento como protagonismo chave na formação e organização de pessoas negras em suas diversas produções, acredito que a escolha enunciativa de um sinal, um signo, para si é um movimento de aquilombamento. Este aquilombamento de negros surdos e a observação de que não houve sua participação em seus próprios enunciados faz com que o grupo se torne protagonista de sua própria história e, a partir de suas próprias mãos, literalmente, produza suas referências e seus enunciados. “[A] história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita”. (Nascimento, 2007, p. 97).

## 4 REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA

### 4.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E ESCOLHA DO CORPUS DE ANÁLISE

Como esta pesquisa tem como principal questionamento a análise do racismo na Libras, foi feita uma pesquisa bibliográfica com o intuito de encontrar materiais como artigos, ensaios, monografias ou outros materiais acadêmicos que tivessem, em seu cerne, contexto linguístico sobre o racismo na Libras ou, inclusive, que falassem sobre o sinal de negro na Libras. A pesquisa foi feita em meados de abril e maio de 2024, nas plataformas de pesquisa Google Academics, Scielo e o Lume, repositório virtual da UFRGS. Os termos para a busca foram: “racismo, libras”, “racismo linguístico, libras” e “sinal, negro, libras”. Foram encontrados três materiais que se encaixaram na pesquisa. Uma dissertação de mestrado (Lima, 2021)<sup>7</sup>, um trabalho de conclusão de curso (Oliveira, 2023)<sup>8</sup> e um artigo publicado em evento (Belonia *et al.*, 2017)<sup>9</sup>. Mesmo assim, são materiais que não foram suficientes para esta pesquisa, pois é de nosso interesse evidenciar o uso da Libras, então, conforme o desenvolvimento e organização dos dados, foi feita em paralelo outra pesquisa com foco em encontrar materiais em vídeo feitos por surdos, o que fez mudar o rumo da bibliografia.

Após mais tentativas, foram encontrados diversos vídeos<sup>10</sup> em várias plataformas de redes sociais que se encaixam na pesquisa, criando o Corpus de Análise, porém, é preciso uma delimitação para compreendermos melhor o que foi encontrado. A partir dessa pesquisa, é possível afirmar que existem variações do sinal de negro em Libras, então, para uma análise mais rica, eu delimito os que se encaixam nesta pesquisa, apresentando, porém, todos os sinais encontrados na internet, na rede social de vídeos YouTube, de forma pública.

O sinal de Negro 1: este sinal significa tanto a cor preta quanto a pessoa de raça preta. Foram usadas duas imagens para evidenciar o movimento da mão.

---

<sup>7</sup> “Surdez e negritude: uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras”.

<sup>8</sup> “A cor do sinal: circulação de discursos racistas em Libras”.

<sup>9</sup> “Cor e etnia, sinais do preto e branco questões étnicas de raça, cor e identidade em Libras”.

<sup>10</sup> O material do YouTube foi encontrado em uma live quando pesquisado “surdo negro”, “sinal surdo negro” e “terminologia negro libras”, e o material do Instagram foi encontrado por buscas no círculo de contato do autor.

Figura 3 – Sinal de Negro 1



Fonte: minuto 1:17 do vídeo do YouTube “negro x surdo”, 2017.

O sinal de Negro 2: este sinal é relacionado a pessoas negras. Foram usadas duas imagens para evidenciar o movimento da mão.

Figura 4 – Sinal de Negro 2



Fonte: segundo 0:03 do vídeo do YouTube “Dia Nacional da Consciência Negra e os surdos negros”, 2022.

O sinal de Negro 3: este sinal está relacionado a pessoas negras e, pela minha experiência pessoal, afirmo que é mais usado no Rio Grande do Sul. Foram usadas três imagens para evidenciar o movimento da mão.



Figura 5 – Sinal de Negro 3



Fonte: *short* “AFRODESCENDENTE (2) (afro-brasileiro, negro, preto, crioulo, tição, mulato) em Libras” do YouTube.

Uma observação interessante é que o autor deste último vídeo coloca na legenda “afrodescendente” e, nas *tags*, vários sinônimos como “bugre” e “mulato”. Trago esta observação pois estes não são sinônimos, mas caracterizações distintas de identificação racial no Brasil e, como tal, merecem cada uma um sinal. O signo negro reflete e refrata os enunciados dos sujeitos que refletem e refratam sua caracterização histórica.

Sendo assim, delimito aqui estes dois sinais: o de Negro 1 e o de Negro 3, pois foram de encontro com os sinais usados nos vídeos analisados. Para fins desta pesquisa, foi delimitado o uso de dois vídeos. Um está disponível na plataforma de vídeo Youtube, de forma pública, e outro está na plataforma de mídias sociais Instagram, em um perfil aberto e público.

#### 4.2 METODOLOGIA: O MÉTODO SOCIOLÓGICO RELACIONADO AOS CONCEITOS BAKHTINIANOS

Nesta sessão, para analisar os vídeos sob um viés teórico, trago algumas noções da Análise Dialógica do Discurso, que segue o legado do Círculo Bakhtiniano, e o Método Sociológico. Parto de uma concepção de linguagem baseada no círculo de Bakhtin e me concentro em alguns conceitos básicos, como: linguagem, gêneros do discurso, dialogismo, signo ideológico e enunciado.

Linguagem é interação, um organismo vivo, e é importante entendermos que essa interação acontece entre sujeitos que não são neutros, que se constituem por meio da linguagem. Que produzem ações com a língua em diferentes meios que refletem e refratam suas realidades, e essas ações são correspondidas por outros

sujeitos, criando, assim, uma relação dialógica. Essa comunicação é sempre ideológica, concordante e discordante dentro da “arena da luta de classes” que, assim, constituem o sujeito, o eu e o outro.

O signo é ideológico e carrega, refletindo e refratando, os acontecimentos sociais na língua, enunciando variadas marcas durante o processo de interação. Está relacionado às posições ideológicas que se estabelecem nas interações com a realidade. Esses fenômenos interagem refletindo a realidade no sujeito que refrata novamente para a realidade que se encontra fora de seus limites. “Tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo” (Volochinov, 2017, pg 91).

Somos feitos de interação. O que nos influencia e nos forma nos faz refletir novamente ao que nos influenciou. É por meio dessa cadeia de elos na língua que as relações dialógicas se estabelecem. Nós enunciemos, expressamos para o exterior, a materialidade, o que um dia absorvemos pelos outros sujeitos, formando elos dialógicos com enunciados distintos.

Essas relações dialógicas entre os sujeitos e entre a realidade é uma relação de sentidos. A linguagem não é produzida no vazio, ela precisa que as posições interlocutivas dos sujeitos estejam conectadas às condições na realidade, enunciando, por meio da linguagem, as marcas do que as coisas significam para o sujeito.

Quando expressamos, enunciemos, algo, estamos escolhendo especificamente o que se encaixa na realidade. Se o signo é ideológico, ou seja, não é neutro, nós enunciemos especificidades do nosso ser na língua. Estamos interagindo com a língua por meio dos tipos de organização dessas ideias, o que chamamos de gêneros do discurso. Nós nos expressamos na língua enunciando em nossas diferentes formas de atividade humana, na escrita, na fala, nos sinais etc. Esses enunciados dialogam com enunciados anteriores, podendo provocar respostas posteriores. Os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados que organizam todo o tipo de interação humana. O racismo no português brasileiro dialoga com o racismo na Libras, sendo estes enunciados que refletem sujeitos racistas ao longo da história e deixam marcas racistas nos signos ideológicos da cultura.

Neste trabalho em específico, trato principalmente do signo, que é determinado significado, palavra ou sinal que reflete e refrata seus significados para nós sujeitos dialogando com uma realidade que afirmo que seja racista. Para analisar os dados com

base bakhtiniana, usarei o método sociológico de Volochinov, com o intuito principal de carregar as expressividades, diversidades e especificidades da língua na análise.

De acordo com Volochinov (2017, p. 220) “a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua” é:

“1 – Formas e tipos de **interação discursiva** em sua relação com as condições concretas” (p. 220): olhar para a interação discursiva, descrever o contexto da interação, o sujeito e suas posições sociais, intenções de comunicação e tudo que envolva a interação do sujeito com o discurso.

“2 – Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os **gêneros dos discursos** verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica” (p. 220): olhar para as organizações dos enunciados, onde e como o sujeito se enuncia na realidade, pois ele está em um lugar, uma posição, interagindo com os enunciados.

“3 – Partindo disso, revisão das **formas da língua** em sua concepção linguística habitual” (p. 220): o que, em específico, na língua é objeto de análise, quais questões linguísticas analisaremos, qual a interação que o enunciado possui?

Foi escolhido o método sociológico como método científico para esta pesquisa, pois analisarei a interação do sujeito com o meio. É na interação que o sujeito enuncia suas posições ideológicas. Analisando quem e como interage, logo, outro método não seria suficiente.

## 5 CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados analisados são dois vídeos, publicados de forma pública, de cunho narrativo, comum de vídeos de redes sociais, com o intuito de explicar os sinais de negro na Libras. Estes sinais possuem duas variações, que serão identificadas nos respectivos vídeos. O material apresentado foi selecionado para se adequar ao contexto desta pesquisa, ou seja, será uma parte específica do vídeo que apresenta o sinal de negro dentro do contexto de interesse da análise.

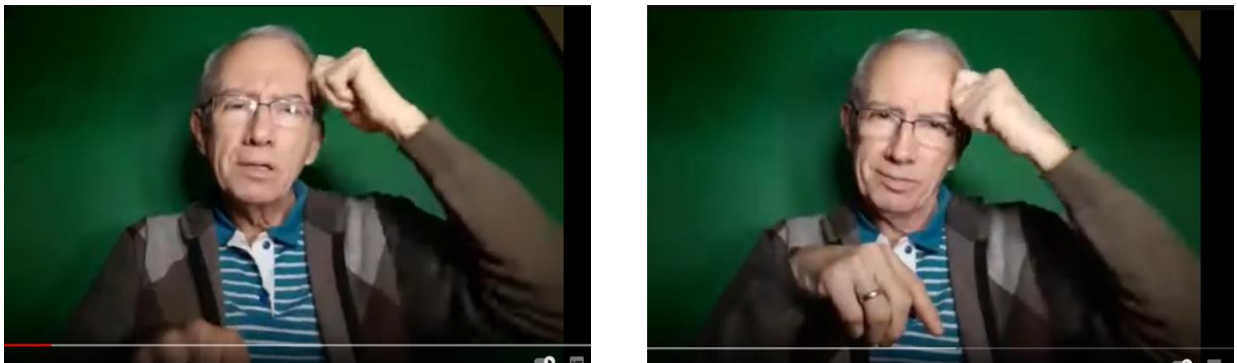
Cada vídeo foi dividido em partes menores com o propósito de mostrar os sinais em contexto. São vários sinais produzindo o enunciado. Abaixo de cada sinal está a tradução para o português brasileiro e, ao lado, o tempo marcado do vídeo original. Os links de ambos os vídeos estão logo após o título de apresentação.

### 5.1 VÍDEO 1

O primeiro vídeo usado para este trabalho se intitula “NEGRA” e está localizado na plataforma de vídeos YouTube de forma pública. O canal é intitulado “Sérgio Andrade” e possui vídeos de produção pessoal diversas e entrevistas.

No vídeo, Sérgio parabeniza a comunidade negra no dia da consciência negra e nos relata sua experiência com o sinal de negro na Libras por meio de uma história. No vídeo, de cunho mais explicativo, ele relata que, em sua juventude, frequentava o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e notou que alguns surdos usavam um sinal que ele desconhecia, o sinal de negro.

Figura 6 – Sinal de Negro 1.



Fonte: segundos 0:08–0:09 do vídeo do YouTube “NEGRA”, 2021.

Ele, então, perguntou para os jovens que estavam entrando no prédio qual sinal que estavam usando. Ele relata que aquelas pessoas estavam usando tranças no cabelo de variadas formas e, logo após, apresenta uma imagem semelhante,

mostrando tranças bantu. Após, ele explica que esse sinal se espalhou pelo Brasil e que existe diferença entre o sinal de negro usado para se referir a pessoas e o para se referir à cor.

Para a análise deste vídeo, foi extraído o relato onde ele apresenta o sinal de negro e o contexto do estilo de cabelo, relacionando a trança, em específico bantu, ao sinal de negro.

Figura 7 – Análise do vídeo “NEGRA”. Abaixo de cada imagem está o sinal traduzido e o tempo no vídeo.



Por que (0:27)



Negro? (0:28)



Antigamente (0:29)



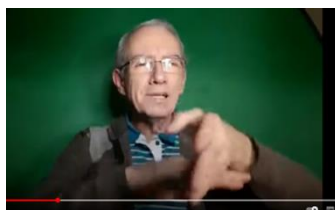
Surdos (0:30)



Faziam (0:31)



Entravam (0:31) - aqui foram usadas duas imagens para apresentar o movimento do sinal.



Alunos (0:31–0:32) - aqui foram usadas três imagens para apresentar o movimento do sinal.



Continuação da Figura 7



Preto e o uso de classificador para identificar as tranças (0:34–0:37)



Imagem equivalente à lembrança dele (0:41)

Fonte: vídeo do YouTube “NEGRA”, 2021.

Segundo Sérgio, uma pessoa branca surda que estudou no INES, é importante que a população surda tenha acesso, por meio do YouTube, às informações que ele teve acesso quando mais novo. Aqui, o sinal de negro tem o intuito de informar a população sobre suas origens, algo que não é de fácil acesso na Libras, pois não temos acesso à origem dos sinais com facilidade. Ele não informa por si só, ele aponta que uma pessoa que estava usando tranças, provavelmente negra, lhe mostrou que era por isso o sinal, por causa de sua origem, ou seja, ele dá voz. Ele entende a importância do lugar de fala daquela pessoa e espalha a informação que um dia alguém lhe explicou. O signo de negro enuncia que suas origens estão relacionadas às vivências negras, ao uso de tranças, especialmente a bantu. É importante observarmos como a interação entre o signo negro e a realidade de usar tranças nos enuncia um sinal que propõe marcar a característica de uma pessoa negra. No vídeo, não está explicado se negro era o sinal daquela pessoa em específico ou um sinal usado para designar pessoas negras.

O mais importante aqui é observarmos que, segundo Sérgio, o sinal de negro tem sua origem nas tranças bantu, essas que usamos até os dias de hoje. O signo que, em relação com os sujeitos, se torna enunciado. O sinal de negro dialoga com o passado onde se formou signo e, no decorrer de sua história, dialoga com outros enunciados, significando, para cada sujeito, a realidade que lhe reflete até chegar, no

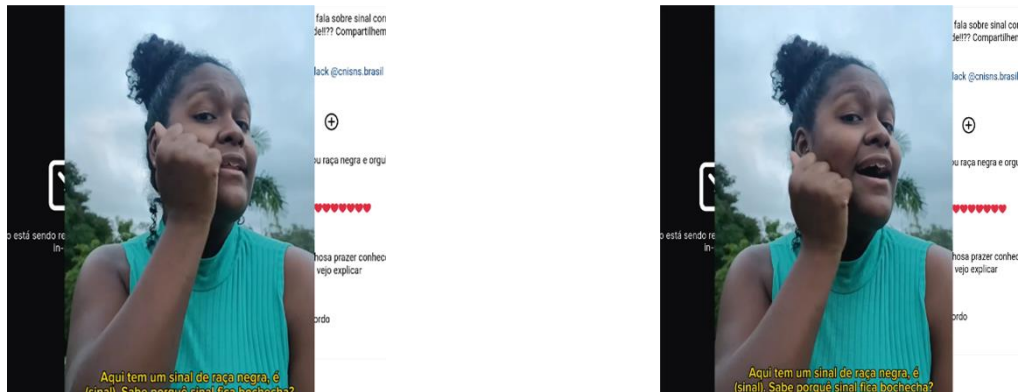
futuro, enunciando que seu signo, o sinal de negro, é algo positivo e que remete às tranças.

## 5.2 VÍDEO 2

O vídeo usado para este trabalho se intitula “Galera! Esse vídeo fala sobre sinal correto de raça preta! Bora melhorar a sociedade!?? Compartilhem!”, e está localizado na plataforma de redes sociais Instagram de forma aberta e pública no perfil de Mayara Izadora (xy.iza), graduanda do curso de medicina veterinária pela UFPEL. Seu perfil é onde ela apresenta fotos e vídeos de seu cotidiano e visões políticas de uma mulher “surda, preta e feminista”.

Em um dos primeiros vídeos que ela postou em seu perfil do Instagram, ela nos chama para sabermos mais sobre o sinal de negro, de raça negra, usado no Rio Grande do Sul, apontando que o estado possuía escravos e que por isso temos um histórico envolvendo relações racistas com a nossa realidade. Ela aponta que, no RS, usa-se o seguinte sinal de negro:

Figura 8 – Sinal de Negro 3



São usadas duas fotos para demonstrar o movimento do sinal

Fonte: reel do perfil “xy.iza” do Instagram.

Mayara relata que é comum pensarmos que este sinal estaria relacionado a cor, ou seja, escolhendo um dos parâmetros da fonologia das línguas de sinais, o movimento da mão, o sinal de negro teria um movimento que relacionasse ao movimento do sinal de cor, para se referir a cor de modo geral. Mas, segundo Mayara, esta relação estaria equivocada.

Mayara afirma que este sinal está relacionado a esfregar algo. De mesmo modo, ela aponta que existe uma relação do parâmetro fonológico de movimento da

mão, de esfregar algo sujo, indicando que a provável origem do sinal de negro venha de um contexto racista em que pessoas negras eram consideradas sujas. Após essa explicação, ela revela que, particularmente, prefere ser chamada de preta e que seria interessante trocar o sinal de negro usado no Rio Grande do Sul pelo de negro 1:

Figura 9 – Sinal de Negro 1

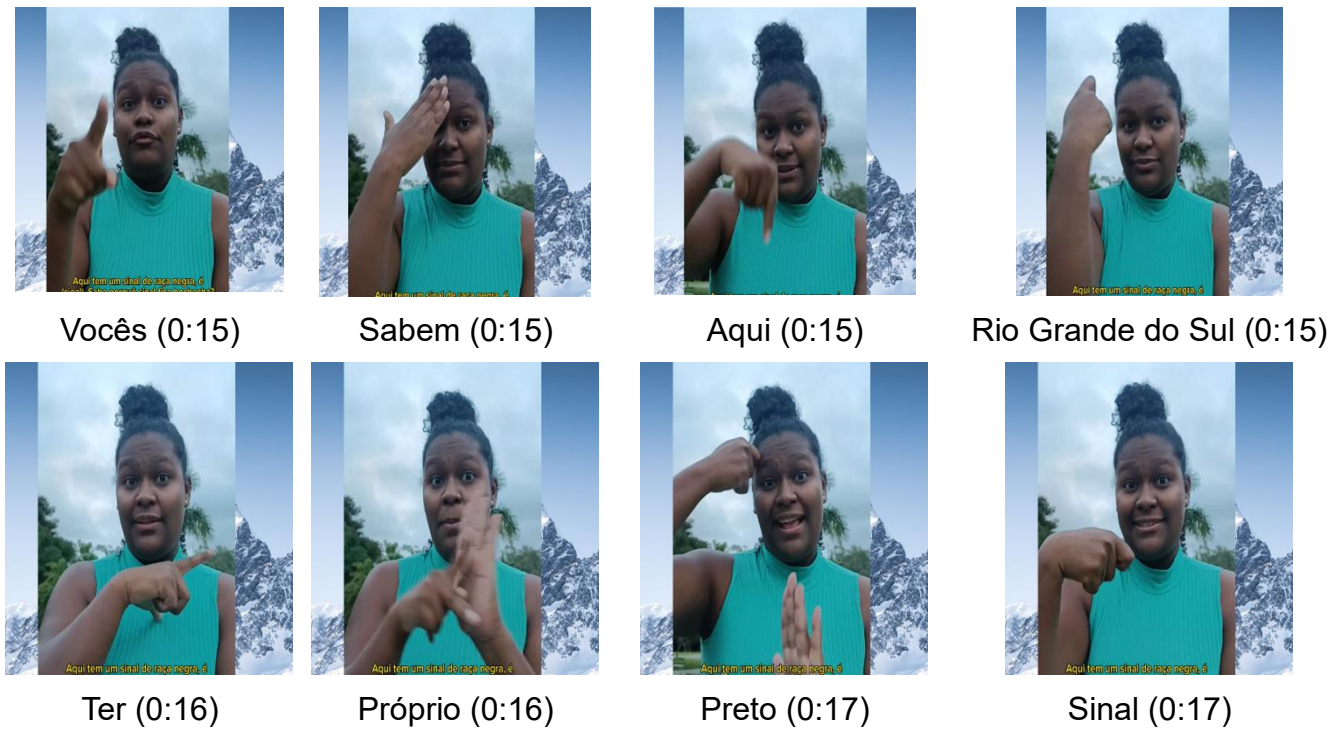


Fonte: segundo 0:07 de *reel* do perfil “xy.iza” do Instagram.

Ela finaliza o vídeo expressando que cada pessoa, fazendo o seu melhor, pode melhorar a sociedade.

Para a análise deste vídeo, foi extraído o relato onde ela apresenta o sinal de negro do Rio Grande do Sul e o contexto enunciativo do sinal.

Figura 10 – Apresentação da segunda parte selecionada. Abaixo de cada imagem está o sinal traduzido e o tempo no vídeo.





Continuação Figura 10.



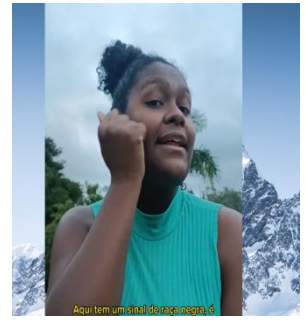
Ter (0:18)



É (0:18)



Sinal (0:18)



Negro (0:19)



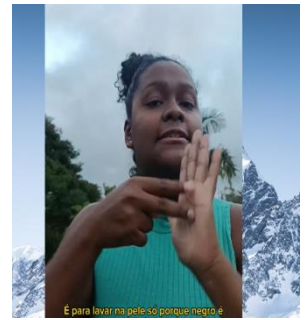
Pois (0:28)



É (0:29)



Esfregar/Lavar (0:29)



Significar (0:29)



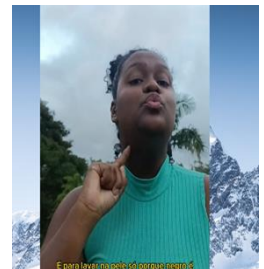
Esfregar (0:30)



Significar (0:30)



Sinal (0:31)



Sujo (0:31)



Área do rosto (0:31)



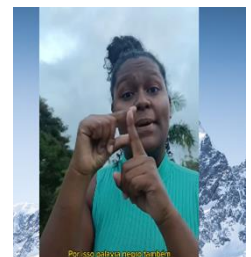
Esfregar



Também (0:34)



N-E-G-R-O - datilologia da palavra (0:34–0:35)



Palavra (0:36)

Continuação Figura 10.



Sinal (0:36)



Sujeira (0:37)



Expressão facial (0:37)

Fonte: reel do perfil “xy.iza” do Instagram.

Segundo Mayara, uma pessoa negra surda, é possível afirmar que existe uma relação racista na língua, onde o sinal, o signo, negro está relacionado à sujeira ou a algo que precisa ser limpo. Este signo está enunciando seu contexto histórico racista na língua e ela, uma pessoa negra e surda, propõe um debate onde convida os espectadores a uma reflexão sobre este sinal, assim propondo uma mudança de sinal, pois aquele usado antes tem uma conotação, um contexto, e é um enunciado negativo que reflete o racismo na língua.

Ambos os vídeos nos mostram a interação do sujeito com o signo. Essa relação dialógica por meio dos sinais nos apresenta dois signos relacionados ao indivíduo negro e duas percepções da origem de cada sinal. Uma visão aponta que o sinal de negro veio das tranças, uma característica estética de pessoas negras, outra visão nos apresenta que uma variação do sinal de negro remete à sujeira ou a algo que está sujo.

Esta pesquisa não tem o propósito de apontar um sinal mais adequado ou correto, mas de trazer o debate à tona para entendermos como o racismo se organiza na língua. Sendo assim, podemos afirmar que, nesses contextos apresentados, existe um sinal que está em uma zona de debate sobre o racismo na Libras.

## 6 CONCLUSÃO

O sinal de negro está sendo questionado na Libras, pois existe interação social da linguagem que movimentam os signos, refletindo e refratando o racismo da sociedade nos sujeitos. Ainda assim, os sujeitos tomam decisões sobre esses signos, enunciando, expressando formas de ver a realidade. Alguns surdos negros questionam essa realidade que é expressa na língua nos apresentando que, na Libras, existem resquícios de racismo.

Entender que a palavra ou o sinal “negro” é um enunciado é de muita importância para entendermos o racismo que está na língua. Quando temos receio de usar a palavra negro por denotar algo negativo é porque existe uma relação, uma marca, que é desconfortável. Se temos receio de enunciar algo é porque seu significado interage com nossa interação sócio-histórica sobre esses signos. Se preto para as pessoas negras é sinônimo de identidade, é por causa da interação de resistência que as pessoas negras cultivam que está enunciada no signo “preto”.

Ambos os vídeos nos mostram como os fatores sócio-históricos se mantêm na língua. O racismo, ou seus signos racistas que enunciam uma visão de mundo preconceituosa, se mantêm na língua por esses enunciados. Nestes dois sujeitos enunciando, percebemos signos ligados à realidade que disputam os sentidos, pois a linguagem interage com o sujeito de formas distintas e ilimitadas. Essa interação não é estável, ela muda de acordo com o sujeito refletindo e refratando os acontecimentos sociais e culturais na linguagem.

Quando afirmamos o racismo na língua, nos referimos às marcas que se mantêm nos enunciados, nos fazendo reagir com os nossos fatores sócio-históricos. Chamar uma pessoa de negra não é racismo, ou melhor, não está racismo, pois, dependendo dos fatores, seus sentidos mudam e, o que era característica, se transforma em preconceito, em signo racista. Então, é possível entender as ressalvas em usar a palavra, porém, é preciso compreender que esse enunciado é delimitado pelos seus usuários. Ainda assim, ele não possui um significado só, ou seja, não é racista ao mesmo tempo que pode ser racista. Vai depender da interação sócio-histórica que o sujeito tem com a realidade e expressa na linguagem. Afinal, o racismo não é a palavra, mas um movimento social, cultura, político, criado para desvalorizar pessoas negras e a língua é um dos muitos fatores que são atingidos por esse movimento.

Quando usam expressões no português brasileiro como “fazer negrice” ou palavras como “neguinho”, “bombril” e tantas outras, mostram que o racismo está na língua por meio de enunciados. Essas palavras enunciam, mostram, expressam o sentido racista. “Bombril” é uma marca de palha de aço, então de onde veio o sentido racista? É pela relação entre a palha de aço e o cabelo afro. Quem criou essa relação interagiu com o racismo de sua realidade sócio-histórica e o expressou na língua.

Para além de uma palavra certa, negro e preto, que na pesquisa são usados para se referir a pessoas negras, são signos distintos que enunciam marcas na linguagem. Essas marcas podem e devem ser questionadas para ressignificar os signos, pois estão na arena, onde lutar por seus significados é o reflexo do sujeito que interage com a linguagem.

No decorrer do texto, surgiram alguns questionamentos. Apresento aqui possibilidades de investigação de acordo com os tópicos a seguir:

- A discussão do uso do signo negro ou preto está presente e se desenvolvendo na comunidade negra surda.
- O que vem primeiro, a surdez ou a raça?<sup>11</sup> Durante a pesquisa, essa problemática surgiu por meio de vários surdos que usam a raça e depois a surdez.
- Em um dos vídeos analisados do YouTube, na descrição do vídeo ele coloca: “afro-brasileiro, negro, preto, crioulo, tição, mulato”. Me pergunto se ele colocou os termos como sinônimos e, igualmente, me pergunto sobre as nomenclaturas individuais em Libras, entendendo que cada um é uma referência única. Os negros surdos têm noção destas palavras?
- Pesquisar sobre os referenciais de raça por região e entender as causas do sinal de negro no Rio Grande do Sul.

---

<sup>11</sup> É importante apontar que existe uma pesquisa com o objetivo de investigar questões referentes à “dupla diferença”, tendo, como foco de análise, narrativas de surdos negros e os significados de ser “duplamente diferentes” (Furtado, 2012).

## REFERÊNCIAS

- Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a Trajetória de Vida de Beatriz. São Paulo: Imprensa Oficial/Kuanza, 1974a, p. 93-98.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ANDRADE, Sergio. **NEGRA**. 2021. 1 min 31 s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3YcC2ecZ9c>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do Discurso**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BELONIA, Thais Cristina *et al.* Cor e etnia, sinais do preto e branco questões étnicas de raça, cor e identidade em Libras. *In*: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, 1., 2017, Niterói. **Anais eletrônicos** [...] Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017, p. 721-734. Disponível em: [https://nuedisjornadacientifica.weebly.com/uploads/1/0/5/0/105033325/61\\_cor\\_e\\_etni\\_a\\_sinais\\_do\\_preto\\_e\\_branco.pdf](https://nuedisjornadacientifica.weebly.com/uploads/1/0/5/0/105033325/61_cor_e_etni_a_sinais_do_preto_e_branco.pdf). Acesso em: 16 ago. 2024.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2 ed. Rio de Janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 2010.
- CARDOSO, Lourenço; Muller, T. M. P. (Org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. 1 ed. Curitiba: Editora Appris, 2017. v. 1.
- CARMO, Edinho. **negro x surdo**. 2017. 5 min 35 s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pgapK2YcZ88>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- FURTADO, Rita Simone Silveira. **Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade**. 2012. 123p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- GT LIS. **Sinal de Indígena em LIS**. [S./]. 23 jun. 2024. Instagram: @linguasindigenasdesinais. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8ky2CivjzS/>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- IBGE. **Cor ou raça**. Brasília, DF: IBGE, © 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- IZADORA, Mayara. **Galera! Esse vídeo fala sobre sinal correto de raça preta! Bora melhorar a sociedade!?!? Compartilhem!** [S./]. 28 abr. 2023. Instagram: @xy.iza. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CrIXqzCujll/>. Acesso em 16 ago. 2024.
- LIBRAS EM PRÁTICA. **Dialog(ando) com a Biblioteca! #8 (Shirley Vilhalva)**. 2021. 1 h 33 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/xGK4w6ZJ-ds>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- LIBRAS EM PRÁTICA. **AFRODESCENDENTE (2) (afro-brasileiro, negro, preto, crioulo, tição, mulato) em Libras**. 2023. 8 s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/99flENncE1o>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LIMA, Luana Isabel Gonçalves de. **Surdez e negritude: uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras**. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Historiografia do Quilombo, 1977. *In*: UCPA (org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por uma História do Homem Negro. *In*: RATTIS, QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Carlos Alberto Matias de. **A cor do sinal: circulação de discursos racistas em Libras**. 2023. 29 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras – Libras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

REIS, João Carlos. **Historiografia e Quilombo na obra de Beatriz Nascimento**. 2019. 21 p. Artigo de conclusão de curso (História - licenciatura) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2019.

ROCHA, José Geraldo da. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. **Cadernos do CNLF**, v.14, n. 2, t.1. 2010. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/899-907.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/899-907.pdf). Acesso em: 14 ago. 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521. Acesso em: 2024-08-28.

SIGNUMWEB. **Dia Nacional da Consciência Negra e os surdos negros**. 2022. 5 min 42 s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cf2495Kf3Jo>. Acesso em: 16 ago. 2024.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. 2009. 123p. Dissertação de mestrado (Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.

VOLOCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.